

*Nascentes***“A HISTÓRIA DO TIMBÓ”:  
UM CASO DE METAMORFOSE***Mêrivanía Rocha Barreto\***Izabela Guimarães Guerra Leal\*\**

**RESUMO:** A “História do Timbó”, publicada no livro *Panton Piá – a história do Timbó* faz parte do *corpus* de narrativas que apresentam a temática da metamorfose e que circulam na região Circum-Roraima – território dos indígenas Pemon (habitantes da região fronteira entre Brasil, Venezuela e República Cooperativa da Guiana). A proposta desta pesquisa consiste em fazer um estudo da narrativa “A história do Timbó”, com o objetivo de compreender/analisar as metamorfoses nela existente. Para isso, lançamos a hipótese de que, na narrativa em questão, possam existir, pelo menos, dois tipos de metamorfoses, a saber: as reversíveis e as irreversíveis. Para este estudo, nos apropriaremos de algumas concepções defendidas pelo perspectivismo ameríndio, bem como de alguns estudos sobre a temática da metamorfose. A pesquisa será de cunho investigativo bibliográfico e interpretativo, baseando-se nos estudos de Viveiros de Castro (1996-2008-2011), Lúcia Sá (2012-2017), Fábio Carvalho (2017), Devair Fiorotti e Clemente Flores (2019), Emanuele Coccia (2020), etc.

**PALAVRAS-CHAVE:** *A história do timbó*; Metamorfose; Perspectivismo.

**Introdução**

Com a chegada dos portugueses no Brasil, em 1500, a cultura indígena brasileira passa a ser descrita nos livros, textos, cartas, documentos, entre outros. Tem-se como exemplo a carta de Caminha, “documento” pelo qual o rei de Portugal fica sabendo sobre “o achado” da Nova Terra e dos povos que aqui já se encontravam. A partir de então, as portas brasileiras foram abertas para a entrada de viajantes estrangeiros que estavam curiosos em explorar o Novo Mundo e conhecer o exótico que nele habitava, até então, desconhecido. Vale ressaltar que mesmo antes da chegada dos portugueses já havia uma cultura oral entre os primeiros habitantes do Brasil. Portanto, suas textualidades já se faziam presentes antes mesmo do contato com o branco, no entanto, com a chegada dos navegantes, suas vozes foram silenciadas, como Cláudia Neiva de Matos observa ao dizer que “o índio do Brasil apresentou-se

---

\* Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (Ufpa). Bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

\*\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora da Universidade Federal do Pará (Ufpa). Realizou estágio pós-doutoral na UFRJ com bolsa da Faperj.

desde o início e durante muito tempo como figura muda” (NEIVA, 2010, p. 435), descreveram suas vestimentas, seus costumes, comidas, modo de viver, apropriaram-se de suas narrativas<sup>1</sup>, todavia, não os deixaram falar. Esse silenciamento vai se manter por aproximadamente quase cinco séculos. Mas, agora, em pleno século XXI, finalmente, aos poucos, os povos originários vêm tendo voz e vez:

[...] a literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones. (GRAÚNA, 2013, p. 15)

E é sobre essa literatura, que provém da oralidade, e vem resistindo há mais de 500 anos, que nosso trabalho se debruçará.

Tendo ganhado reconhecimento somente a partir da década de 1990, pode-se dizer que pelo menos dois tipos de produções fazem parte da literatura indígena brasileira, a saber: os textos que não partem da oralidade, que são escritos por escritores indígenas alfabetizados e com uma carreira sólida ou se consolidando, e que, em sua maioria, levantam a bandeira de uma literatura ativista-de cunho político- como exemplo Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Ailton Krenak, Márcia Kambeba, entre outros, cuja matéria para sua escrita, em grande parte, é retirada de suas próprias experiências ou da experiência de seus parentes, mergulhando em diversas temáticas, como lutas políticas, proteção da floresta, resistência, denúncia, identidade indígena etc. Por outro lado, encontramos as produções pertencentes ao “período clássico referente à tradição oral (coletiva) que atravessa os tempos com as narrativas míticas” (GRAÚNA, 2013, p. 74). São os textos escritos a partir de narrativas orais, contadas por um ancião, que muitas vezes não sabe ler e conhece pouco a língua do colonizador. Essas narrativas podem ser consideradas de origem coletiva pelo fato de fazerem parte do imaginário coletivo daquela comunidade, e contam a história de um povo, de um lugar ou da origem de algo que faz parte daquele local; para muitos indígenas elas são conhecidas como “histórias de antigamente”. É esse tipo de texto que usaremos como objeto para a nossa pesquisa -que foi publicado e coletado pelo projeto Pantan Pia’. A pesquisa consiste em analisar a narrativa “A história do Timbó” com o objetivo de compreender as metamorfoses

<sup>1</sup> Até o século XX os viajantes, ao transcreverem as narrativas que lhes eram narradas, não davam os devidos créditos de autoria, assinavam sozinhos, como verdadeiros autores; tem-se como exemplo o segundo volume de *Von Roroima Zum Orinoco*, que contém a narrativas dos povos Taurepang e Arecuná, mas foi assinada somente pelo etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg, e *Watunna: mitologia Makiritare*, assinada pelo pesquisador francês Marc de Civrieux, que contém as narrativas dos povos Y’ekuanas.

presentes a partir da noção do perspectivismo. Para tanto, lançamos a hipótese de que na narrativa em questão há diferentes tipos de metamorfoses, sendo algumas delas reversíveis e outras irreversíveis.

Com o intuito de alcançar tal hipótese, o trabalho será pautado nos estudos sobre perspectivismo, metamorfose, teoria literária indígena e literatura indígena. Para os estudos acerca do perspectivismo nos apropriaremos das teorias propostas por Viveiros de Castro (1996-2008-2011); no que concerne aos estudos sobre a literatura do Circum-Roraima e teoria literária indígena, usaremos, respectivamente, os trabalhos de Lúcia Sá (2012-2017), Fábio Carvalho (2017), Devair Fiorotti & Clemente Flores (2019), e Graça Graúna (2013); quanto aos estudos sobre metamorfoses, estes serão feitos a partir do livro *Metamorfoses*, de Emanuele Coccia (2020).

O presente artigo será dividido em seções. Sendo a primeira uma introdução, na qual faremos a contextualização do trabalho; a segunda intitulada “A terra de Makunaima e o projeto “Panton Pia””, em que faremos uma breve contextualização do espaço do Circum-Roraima e do projeto “Panton Pia”, responsável por coletar a narrativa com a qual trabalhamos; posteriormente, discutiremos os conceitos de perspectivismo e metamorfose, para em seguida fazermos o estudo da narrativa “A história do Timbó”, na seção intitulada ““História do Timbó”: um caso de metamorfose reversível e irreversível”; por fim, serão feitas algumas considerações sobre os possíveis resultados da pesquisa.

### **A terra de Makunaima e o projeto “Panton Pia”**

Conhecida como a terra de Makunaima, e defendida por muitos como um espaço geográfico e político, formado a partir da junção do prefixo Circum (que significa “em torno de; perto de”)<sup>2</sup> acrescido do termo Roraima, tem-se o Circum-Roraima<sup>3</sup>; território transnacional ao redor do Monte Roraima, onde habitam várias culturas “dos troncos linguísticos caribe e arauaque<sup>4</sup>” (SÁ, 2017, p. 71); está situado na fronteira entre Brasil, República Cooperativa da Guiana (ex-Guiana Inglesa) e República Bolivariana da Venezuela, lugar onde habitam os povos Macuxi, Wapichana, Taurepang, Ye’kuana, Wai-wai, Ingarikó, entre outros. Portanto, é uma fronteira multilíngue, em que dialogam três línguas nacionais: o

---

<sup>2</sup> Segundo o dicionário Houaiss de língua portuguesa

<sup>3</sup> De acordo com Butt Colson 1985, a denominação Circum-Roraima tem sua origem em Cesáreo Armellada, missionário e pesquisador indígena que esteve na região durante os anos de 1964 a 1973 e produziu uma coletânea de histórias: *Tauron Panton*, e uma coletânea de rezas: *Pemontón Taremurru*.

<sup>4</sup> Também conhecido por aruaque em português ou arawak em língua indígena.

português, inglês e espanhol, além de uma variedade de línguas indígenas. Como é referenciado no próprio nome, a região tem como grande símbolo o majestoso Monte Roraima.

O Monte Roraima é um símbolo extremamente poderoso que está vinculado diretamente às narrativas que circulam na região e é um dos marcos mais importantes da tradição oral indígena brasileira, venezuelana e guianense<sup>5</sup>, atuando como ponto de difusão e circulação dessas narrativas, como afirma Carvalho (2017) ao observar que as formas de expressão literárias da região são

fortemente marcadas pela presença da natureza exuberante, pela paisagem e pelas textualidades originárias da região cultural que se estrutura em torno do monte Roraima, designada pela literatura etnográfica de região circum-Roraima. Ou seja, os elementos natural e humano, bem como as textualidades dessa região, sobretudo aquela de fatura indígena, parecem ser elementos diferenciais desse *locus* específico de criação do espírito. (CARVALHO, 2017, pp. 102-103)

Ao longo dos anos, a região circum-Roraima tem sido campo de investigação de vários pesquisadores, dentre os quais se destacam etnólogos, missionários e estudiosos. Os principais pesquisadores que estiveram na região foram Richard Schomburgk (1847 a 1848), Theodor Koch-Grünberg, (1911-1913), o monge beneditino Dom Alcuíno Meyer (1926 a 1948), Cesareo Armellada (1964 a 1973) e o antropólogo francês Marc de Civrieux (1960-1970). Entre os trabalhos publicados como resultado das expedições desses pesquisadores, duas publicações do século XX ganharam destaque especial por divulgarem as textualidades indígenas da região, são elas: o segundo volume de *Von Roraima Zum Orinoco*, do etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg e *Watunna: mitologia Makiritare*, do pesquisador francês Marc de Civrieux.

O segundo volume de *Von Roraima Zum Orinoco, Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna-Indianer*, foi publicado no ano de 1917, na Alemanha; no Brasil a primeira publicação saiu no ano de 1953<sup>6</sup>, porém, foi no ano de 2002, com a publicação de *Makunaíma e Jurupari cosmogonias ameríndias*, sob a organização de Sérgio Medeiros, que essas narrativas ficaram mais conhecidas em terras brasileiras. Entre as narrativas coletadas por Theodor Koch-Grünberg

<sup>5</sup> “Muitas de suas canções e muitos dos seus mitos têm relação com esse monte majestoso. Para eles o Roraima é o berço da humanidade. Aqui, o herói de sua tribo, “Makunaíma, viveu com seus irmãos. Aqui, em sua loucura e cobiça, ele derrubou a árvore do mundo, que dava todos os frutos bons. [...] O tronco caiu sobre o Caroni. Está lá até hoje [...]. O rochedo Roraima é o cepo que ficou de pé” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 126).

<sup>6</sup> A versão portuguesa intitulada *Mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuná* foi publicada no ano de 1953 no volume VII da Revista do Museu Paulista em São Paulo. O referido volume foi traduzido por Henrique Roenick, revisado por M. Cavalcanti Proença e prefaciado por Herbert Baldus.

estão as histórias relacionadas à figura de um dos grandes personagens da poética indígena do Circum-Roraima: Makunaima.<sup>7</sup>

*Watunna: mitologia Makiritare* também contém as narrativas que fazem parte do circum-Roraima. A obra foi publicada por Marc de Civrieux, na Espanha, no ano de 1970, como resultado da expedição deste pesquisador na terra dos Ye'kuana. Dentre as textualidades nela presentes, existem as narrativas acerca do surgimento desse povo e da árvore Maranuaka, “a árvore que originalmente ligava o céu à terra, como um cordão umbilical” (SÁ, 2017, p. 75). O livro *Watunna: mitologia Makiritare* ainda não foi traduzido para o português e publicado no Brasil.

Inspirados, sobretudo, no trabalho de coleta dos primeiros pesquisadores, muitos escritores literários produziram seus grandes clássicos, como aponta Carvalho (2017):

Por meio da obra destes homens, fato é que tanto a paisagem e os costumes quanto o homem da região circum-Roraima têm marcado de forma decisiva as obras resultantes de esforços de literatos de grande calibre: no Brasil, o caso mais emblemático é com certeza o de Mário de Andrade, autor de *Macunaima, o herói sem nenhum caráter*; na Venezuela, destaca-se o caso de Romulo Gallegos, autor do clássico *Canaima*; na república da Guiana, chama a atenção o caso de Wilson Harris, autor de *The sleepers of Roraima*, para ser extremamente econômico na lista”. (CARVALHO 2017, p. 445)

Observa-se, portanto, que as três nações que fazem parte da fronteira do circum-Roraima têm esse espaço (físico e cultural) como cenário importante para as suas literaturas. No Brasil, a mais nova coletânea de narrativas indígenas do circum-Roraima foi organizada pelo projeto “Panton Pia’: Narrativa oral indígena, registro e análise”

Formado a partir da junção de duas palavras de origem indígena, *panton* e *pia*, cujos significados, respectivamente, são: história, junto, perto, em macuxi, tem-se o projeto “Panton pia’: Narrativa oral indígena, registro e análise”, responsável por organizar a mais nova coletânea de narrativas pertencentes ao circum-Roraima. O referido projeto foi idealizado e desenvolvido pelo professor Devair Antonio Fiorotti<sup>8</sup>, e financiado pelo CNPq. A proposta de Panton Pia’, (que significa junto, ao lado, no começo da história), segundo Fiorotti (2019, p. 3), era “colaborar no entendimento do que seria o indígena da Região do Alto São Marcos, a partir do contato direto e contínuo com o mundo do outro, do nosso mundo não índio” e

---

<sup>7</sup> Esse herói ficou mais conhecido, sobretudo, a partir da publicação do livro *Macunaima: o herói sem nenhum caráter*, do escritor brasileiro Mário de Andrade, o qual se inspirou nas narrativas coletadas por Theodor Koch-Grünberg para criar sua obra.

<sup>8</sup> Foi professor efetivo da UFRR e do quadro permanente dos mestRADOS em Educação da UFRR-IFRR e Letras – UFRR.

“contribuir no processo de valorização identitária” dos indígenas, uma vez que, “muitos já não se identificam como indígenas, por causa do preconceito e da falta de informação.

Arelado ao grupo de pesquisa do CNPq: “Narrativa oral e cultura na/da Amazônia” está o projeto piloto “Panton Pia’: narrativa oral indígena registro e análise” que abrigou outros projetos, sendo o último intitulado “*Panton Pia’* Oralidade indígena: junto com a história” que iniciou em janeiro de 2018 e terminaria em dezembro de 2020, não fosse o fato do professor Devair, precocemente, ter ido para o reino dos encantados. É importante observar que o trabalho com a coleta de narrativas, entre as quais está a “História do Timbó”, foi desenvolvido nas Terras indígenas São Marcos e Raposa Serra do Sol, entre os anos de 2010 a 2017, abrangendo os municípios de Normandia, Pacaraima e Uiramutã, em Roraima; seguindo a metodologia de pesquisa baseada na perspectiva da história oral<sup>9</sup>, tendo como base o *Manual de História Oral*, de Verena Alberti. As narrativas foram coletadas por meio de registro, *in loco*, em forma de vídeo, áudio e anotações feitas pelo pesquisador e pela equipe de gravação; contou também com a participação de alunos de graduação e pós-graduação. Como resultado desses longos anos de coletas de narrativas, foram organizados três volumes de livros<sup>10</sup>. Ainda como resultado da pesquisa, foram publicados, pela editora Wei<sup>11</sup>, os livros *Panton Pia’ - a história do Makunaima* e *Panton Piá - a história do Timbó*<sup>12</sup>, todos de autoria de Clemente Flores (informante indígena) e Devair Fiorotti (idealizador do projeto Panton Piá’).

### “História do Timbó”: um caso de metamorfose reversível e irreversível

A narrativa “A história do Timbó” conta a história de um menino que foi deixado na mata por sua mãe e criado, a princípio, por uma raposa e, logo após, por uma anta. Quando adulto, passa a conviver com a anta como marido e mulher. Como fruto dessa relação, nasce uma criança que recebe o nome de Timbó; posteriormente, por ter sido picada por uma cobra grande, a criança morre e, das gotas de seu sangue que caem no chão, nasce a planta

<sup>9</sup> “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações” (DELGADO, 2006, p.15).

<sup>10</sup> O primeiro volume, intitulado *Panton Pia’ narrativa oral indígena registro na terra indígena São Marcos* foi publicado no ano de 2019, em forma de *e-book*, os demais estão no prelo, aguardando publicação.

<sup>11</sup> O lançamento da editora aconteceu no dia 18 de janeiro de 2020. De acordo com informações de sua página oficial no facebook, a editora Wei é a primeira editora independente de Roraima. Ainda segundo a página, *Wei* em língua macuxi, significa Sol, pois, para os editores, os livros são sóis. A escolha do nome da editora faz referência a algumas versões das narrativas que envolvem Makunaima nas quais Wei (a Sol) é quem dá origem aos povos Pemón.

<sup>12</sup> Os livros *Panton Piá - a história do Makunaima* e *Panton Piá - a história do Timbó*, são bilingues (língua portuguesa e Taurepang) e inteiramente ilustrados. O trabalho de tradução para o Taurepang, assim como a ilustração, foi feito pelo indígena Mário Flores (Mário Taurepang), filho de Clemente Flores, narrador indígena.

timbó<sup>13</sup>. Observa-se que na narrativa existe uma série de metamorfoses, dentre as quais podemos destacar: o ato sexual entre o homem e a anta; o nascimento de uma criança, que segundo Coccia (2020) é o primeiro processo de metamorfose que os seres vivos passam; e a transformação do sangue da criança na planta timbó.

Segundo Emanuelle Coccia (2020, p. 52)

A metamorfose é a adesão e a coincidência com um corpo estranho – o corpo de um outro que adotamos, que domesticamos pouco a pouco. Atravessar uma metamorfose significa poder dizer ‘eu’ no corpo do outro. Todo ser metamórfico - todo ser nascido - é composto e habitado por essa alteridade que jamais poderá se apagar.

Seguindo o pensamento de Emanuelle Coccia (2020) podemos fazer uma analogia ao pensamento de Viveiros de Castro (1996) pelo fato deste antropólogo observar também que a ideia de metamorfose está diretamente ligada à doutrina dos corpos, ou seja, das roupas animais. “A noção de ‘roupa’ é uma das expressões privilegiadas da metamorfose — espíritos, mortos e xamãs que assumem formas animais, bichos que viram outros bichos, humanos que são inadvertidamente mudados em animais —, um processo onipresente” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 117) que acontece devido à troca de roupas.

Observa-se que ao longo da narrativa várias mudanças de perspectivas acontecem, contribuindo para que haja metamorfoses ou indícios de metamorfose pois de acordo com o perspectivismo, nas narrativas indígenas há uma instabilidade das formas corporais. Na narrativa em questão, os indícios de metamorfoses começam a partir do momento em que o menino (por ser muito chorão) é deixado fora de casa por sua mãe e em seguida é levado pela raposa. Aqui, temos a perspectiva do animal que “adota” a criança e a cria como um filho, o qual passa a adquirir os hábitos do animal que o criou (como comer ananás silvestres, por exemplo). Tempos depois, a criança é capturada pela anta (outro animal) e, após

---

<sup>13</sup> “O timbó é um cipó trepador encontrado nas mais diversas regiões brasileiras, em especial na região amazônica, também conhecido como tingui, guaratimbó, timbosipo, timbó iurari, cururu-apé, mata-fome, entre outros; considerado venenoso, contém uma toxina capaz de asfixiar e matar peixes em poucos minutos” (Mariani Junior, et.al. n.p). Usar a planta timbó como instrumento de captura dos peixes é uma prática cultural dos indígenas, no entanto, tal prática levanta uma série de polêmicas, uma vez que, ao colocar o timbó nos rios, muitas espécies de peixes morrem, inclusive aqueles que ainda não possuem o tamanho certo para o consumo. Além dos peixes, a planta pode, inclusive, contaminar outros seres, conforme depoimento do indígena Ivonio Solon Wapichana: “O timbó é uma raiz venenosa encontrada nas matas da maioria das comunidades indígenas de Roraima. Durante muito tempo nossos antepassados usaram esse veneno para fazer suas pescarias, isso contribuiu para a escassez de peixes em nossos lagos, rios e igarapés. [...] espalhado na água o veneno se espalha rápido e todos os seres vivos daquele ambiente são exterminados, geralmente (caranguejos, piabas, cobras, arraias, tracajás, jacarés etc.), depois disso a água também fica contaminada, afastando os animais da mata ou campo que dependem da água para beber” WAPICHANA, Ivonio Solon. *Timbó: a raiz venenosa*. <http://ivoniosolon.blogspot.com/2011/02/timbo-raiz-venenosa.html>. Acesso em 02 de junho de 2021.

passarem-se alguns anos, o menino, já adulto, passa a conviver com a anta como marido e mulher, despindo-se da roupa de humano e vestindo a roupa animal “‘tu vai ser meu marido’, a anta disse pro menino: ‘tu vai ser meu marido’. Será? Se acostumou com ela” (FIOROTTI e FLORES, 2019, s/p).

Quando é o animal (não humano) quem troca a roupa, conforme verificou-se na narrativa a “História do Timbó” no momento em que a anta tira sua roupa animal para relacionar-se sexualmente com um humano, podemos inferir que o fenômeno da metamorfose acontece para que haja uma semelhança física entre eles, só sendo possível porque entende-se que há uma relação metamórfica perspectivista entre os dois, uma vez que “os corpos são descartáveis e trocáveis” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 134).

Essa humanidade adquirida pela anta pode ser explicada a partir de duas concepções defendidas pelo perspectivismo<sup>14</sup>. A primeira, parte da visão de que animais eram humanos, de modo que o que os diferencia dos humanos é apenas a roupa. A segunda, parte da ideia de que “por toda parte na América indígena [...] cada espécie *vê a si mesma* como humana” (VIVEIROS DE CASTRO, 2008, p. 95). Outrossim, também podemos observar que a alteridade é um elemento importante para o acontecimento da metamorfose, pois pelo fato desta ser um estado (ser um momento, circunstância, situação), quem se enxerga como humano, dependendo do ponto de vista, pode enxergar as outras espécies como humanas ou não humanas: “seja como espécies de presas, seja como espécies de predadores” (VIVEIROS DE CASTRO, 2008, p. 96). Viveiros de Castro, em seus estudos sobre o perspectivismo, traz a onça como exemplo, e observa que ela é mais que uma simples onça, ou seja, existem outras identidades dentro de si: “quando está sozinha na floresta, tira sua ‘roupa’ animal e se mostra como humana. Todos os animais têm uma alma que é antropomorfa: seu corpo, na realidade, é uma espécie de roupa que esconde uma forma fundamentalmente humana” (VIVEIROS DE CASTRO, 2008, p. 95). Para o perspectivismo, o que vai diferenciar o humano do não-humano é apenas uma roupa, uma capa, um envelope, que a qualquer momento pode ser trocada, substituída, descartada. Seguindo este mesmo raciocínio, Emanuelle Coccia (2020) também defende que as espécies vivas nunca deixam de trocar peças, ou seja, que estamos em constante metamorfose.

---

<sup>14</sup> “Uma teoria indígena segundo a qual o modo como os humanos veem os animais e outras subjetividades que povoam o universo — deuses, espíritos, mortos, habitantes de outros níveis cósmicos, fenômenos meteorológicos, [...] é profundamente diferente do modo como esses seres *os veem* e *se veem*” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p.116-117).

Outra metamorfose que acontece na narrativa a “História do Timbó”, e, nesse caso, estamos considerando que se trata de uma metamorfose irreversível, é a transformação das gotas de sangue que caem do corpo do menino Timbó (nome próprio, ser vivo, humano) na planta usada para capturar peixes, o timbó (nome comum, ser vivo, não-humano): “‘Tannnnnnnn!’ bicho ferrou ele. Ele morreu, ele morreu” (FIOROTTI & FLORES, 2019, n.p.). Ao transformar-se em timbó, o menino “molda para si um novo corpo e uma nova forma para existir de uma maneira diferente” (COCCIA, 2020, p. 15), agora, com sua morte, ele está susceptível a passar por modificações, e assim o fez, desnudou-se da roupa de humano e vestiu a roupa da planta: o timbó “foi produzido por uma pessoa, que nasceu sendo Timbó, morreu sendo timbó” (FIOROTTI; FLORES, 2019, n.p.).

### **Algumas possíveis conclusões**

Por ser uma pesquisa ainda embrionária, de caráter experimental, feita a partir de algumas hipóteses, podemos dizer que, grosso modo, a metamorfose pode ser caracterizada como um processo de mudanças, porém, nas histórias indígenas, nem sempre é uma mudança fixa, conforme se verificou na narrativa estudada, uma vez que alguns acontecimentos, como, por exemplo, o momento do ato sexual entre a anta e o homem, o fato de a anta vestir a roupa de humana e, por um certo tempo, permanecer como uma, foi reversível, pois, posteriormente, ela vai voltar a tornar-se presa (caça) para os humanos, ao ser assassinada pelo pai do seu companheiro- momento em que a anta volta a vestir a roupa de não humano. Seguindo este raciocínio, a metamorfose é um acontecimento ou um devir, que se caracteriza pela “superposição intensiva de estados” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 298), os quais, em alguns casos, poderão estar ligados diretamente ao ponto de vista, seja do humano, seja do animal.

Desse modo, dependendo da ocasião, o homem (humano) ocupará a posição de animal (não humano), ou o animal (anta-não humano) ocupará a posição de humano (mulher), conforme análise da narrativa em questão, na qual existe a possibilidade de que haja uma instabilidade das formas corporais, fato este que nos permite levantar a hipótese de que a metamorfose poderá apresentar-se em diferentes aspectos, pois, tanto pode ser irreversível, quanto pode ser reversível; neste último caso, não necessariamente precisando estar ligada ao ponto de vista, como por exemplo o momento da narrativa em que acontece a metamorfose do sangue em timbó.

## “THE HISTORY OF TIMBÓ”: A CASE OF METAMORPHOSIS

**ABSTRACT:** The “História do Timbó”, published in the book *Panton Pia* – the history of Timbó is part of the corpus of narratives that present the theme of metamorphosis and circulate in the Circum-Roraima region – territory of the Pemon indigenous people (inhabitants of the border region between Brazil, Venezuela and the Cooperative Republic of Guyana). The purpose of this research is to study the narrative “A História do Timbó”, with the aim of understanding/analyzing the metamorphoses that exist in it. For this, we launch the hypothesis that, in the narrative in question, there may be at least two types of metamorphoses, namely: reversible and irreversible. For this study, we will appropriate some conceptions defended by Amerindian perspectivism, as well as some studies on the theme of metamorphosis. The research will be of an investigative bibliographic and interpretive nature, based on the studies of Viveiros de Castro (1996-2008-2011), Lúcia Sá (2012-2017), Fábio Carvalho (2017), Devair Fiorotti and Clemente Flores (2019), Emanuele Coccia (2020), etc.

**KEYWORDS:** *A história do Timbó*; Metamorphosis; Perspectivism.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Fábio Almeida de. A produção literária da região Circum-Roraima. In CARVALHO, Fábio Almeida de; MIBIELLI, Roberto; FONSECA, Isabel Maria (Org.). *Literatura e Fronteira*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2017, p. 93-115.
- COCCIA, Emanuele. *Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Dantes editora, 2020.
- FLORES, Clemente; FIOROTTI, Devair Antônio. *Panton pia' narrativa oral indígena: a história do Timbó*. Roraima: Wei, 2019.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GRAUNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea brasileira*. Belo Horizonte: Maza Edições, 2013.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Do Roraima ao Orinoco: (Observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913)*. Trad. de Cristina Alberts-Franco. São Paulo: UNESP, 2006. v. 1.
- SÁ, Lúcia. *Literaturas da floresta textos amazônicos e cultura latino-americana*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- SÁ, Lúcia. O espaço literário do Circum-Roraima. In CARVALHO, Fábio Almeida de; MIBIELLI, Roberto; FONSECA, Isabel Maria (Org.). *Literatura e Fronteira*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2017, p. 71-92.
- SEIXAS, Raul. *Metamorfose ambulante*. Krig-ha. Bandolo! 1973, Phillips, Rio de Janeiro. Produção de: Marco Mazzola e Raul Seixas. 1 disco sonoro (29:08 min).
- VIVEIROS DE CASTRO. Eduardo. O Medo dos outros. *Revista de antropologia*, São Paulo, USP, V. 54 N° 2, p. 865-917, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Eduardo Viveiros de Castro: Entrevistas*. SZTUTMAN, Renato (Org.). Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- VIVEIROS DE CASTRO. Eduardo. *Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio*. Mana, 2 (2), pp.115-144. Rio de Janeiro, 1996.

Recebido em: 04/11/2021.

Aprovado em: 14/12/2021.